

Banco Mundial admite menor expansão em 85

WASHINGTON — O presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, previu, ontem, uma possível desaceleração, em 1985, da pequena recuperação econômica registrada este ano na América Latina. "É possível que o crescimento da economia dos países industriais seja mais lento no próximo ano, e isso significa que as exportações das nações em desenvolvimento aumentarão num ritmo mais moderado", afirmou Clausen, durante uma entrevista à imprensa na qual abordou as atividades do Bird, em 1985. Segundo ele, os resultados favoráveis de 1984 "não significam uma completa recuperação da recessão".

No que se refere especificamente à América Latina, Clausen disse que ainda não se sabe, com certeza, se os Estados Unidos conseguirão controlar o seu déficit orçamentário e reduzir as taxas de juros, fatores que têm "influência considerável" sobre a economia dos países mais endividados da região.

Afirmou, também, que a expansão



econômica do mundo industrializado é indispensável para o processo de desenvolvimento dos países devedores, e que a eliminação do protecionismo e a redução das taxas de juros são fatores de grande importância para a recuperação dessas nações. "Devemos — acrescentou — fazer tudo o que for possível para fomentar uma maior transferência de capital de desenvolvimento."

Nesse sentido, observou que este ano o Banco Mundial aumentou em US\$ 1,1 bilhão os desembolsos para a América Latina, situando-os em US\$ 2,9 bilhões. Em 1983, os desembolsos haviam chegado a US\$ 1,8 bilhão. Com isso, disse, muitos países asfixiados pelas suas dívidas externas puderam concluir diversas obras que se encontravam paralisadas.

Os dados relativos às atividades do Banco Mundial em 1984, segundo seu presidente, indicam que a incipiente recuperação econômica da região acabou sendo neutralizada pela "vigorosa expansão demográfica". Com isso, a renda per capita do México voltou aos níveis de 1978; a do Brasil igualou-se à de 1976, e a da Argentina situou-se na mesma faixa de 1970. "A dívida externa infligiu enormes danos a alguns países de economia mais promissora do mundo", observou Clausen.